

## **Criação audiovisual e diversidade: narrativas de si e do outro**

### **Resumo:**

O presente Projeto de Cultura destina-se a experimentar formas audiovisuais “sob o risco do real” (Comolli, 2001), tais como o documentário, o filme ensaio, o filme autobiográfico ou o filme carta. Reunindo estudantes, sobretudo bolsistas de incentivo acadêmico, pretende-se partir de questões prementes de seus cotidianos, seja em relação à vida universitária, seja em relação à comunidade mais ampla em que vivem, para buscar formas experimentais de abordá-las em criações audiovisuais.

Se há uma parcela do real que escapa às tentativas de roteirização de nossas vidas segundo os modelos ficcionais e pasteurizados da mídia hegemônica, é abrindo-se a esse real que veremos surgir possibilidades de invenção de novas subjetividades e novas formas de habitar a comunidade. Uma vez que não há narrativas do mundo desideologizadas, pretende-se, aqui, justamente afirmar o ponto de vista do sujeito da criação, apontar para o aspecto precário e fragmentário da narrativa, para o seu contexto, seu aqui e agora.

Em certa medida, o projeto responde à demanda de duas bolsistas de incentivo acadêmico e seu desejo de discutir questões de amplo debate na sociedade brasileira contemporânea: violência contra a mulher, homofobia, intolerância religiosa, violência do tráfico ou de milícias armadas em comunidades carentes, crise política, problemas do transporte público, etc. Trata-se de pensar relações mais horizontais e menos hierarquizadas entre professores e estudantes, de incorporar, ao processo de ensino-aprendizagem, o mundo dos estudantes, seus saberes, interesses e inquietações, abordando-os dentro de uma perspectiva crítica e criadora.

Partindo da ideia do *fazer com*, atento ao pressuposto de que decisões estéticas implicam escolhas de mundo, o projeto propõe a realização de um ou mais vídeos em tensão com o real, sem roteiros impositivos, tais como os documentários não-programáticos propostos por Comolli. Propõe-se, ainda, sua subsequente exibição pública, seguida de debate.

**Justificativa:**

As recentes reflexões acerca da inserção do audiovisual nas escolas ou universidades vinculam-se a questionamentos mais amplos sobre práticas de ensino- aprendizagem. Trata-se de pensar relações mais horizontais e menos hierarquizadas entre professores e estudantes, de incorporar, aos ambientes formativos, o mundo dos estudantes, seus saberes e gostos, abordando-os dentro de uma perspectiva crítica e criadora.

Repensar o processo de ensino-aprendizagem e as relações entre estudantes e professores torna-se particularmente premente no contexto contemporâneo das universidades brasileiras. Com a política de cotas e a abertura do ensino superior a setores sociais menos favorecidos, a universidade passa a receber um maior número de estudantes em situação de vulnerabilidade social. Embora esses alunos estejam doravante dentro da universidade, um largo espectro de seus conhecimentos, de suas culturas e interesses continua do lado de fora.

Compreender as relações entre linguagens audiovisuais, públicos e ideologias, permite, por um lado, analisar criticamente a produção midiática, e, por outro, produzir filmes e vídeos numa perspectiva ética, formativa e educativa, propondo alternativas à programação, muitas vezes pasteurizada, dos meios de comunicação de massa. Os jovens ingressantes na universidade, muito habituados com as novas mídias, que perpassam todos os níveis de seu cotidiano, têm uma familiaridade e um conhecimento bastante intuitivo do audiovisual. Aliar esse conhecimento a uma reflexão crítica será fundamental para a socialização de saberes.

**Fundamentação Teórica:**

Para uma democratização radical da universidade, é preciso incluir não apenas grupos sociais que dela foram sistematicamente excluídos, mas também seus saberes, demandas e premências. Para tanto, Boaventura de Sousa Santos propõe

uma forma de extensão ao contrário, de fora da universidade para dentro da universidade. Consiste na promoção de diálogos entre o saber científico ou humanístico, que a universidade produz, e saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais (indígenas, de origem africana, oriental, etc.) que circulam na sociedade.

(SANTOS, 2004, p. 56)

Ora, a criação audiovisual coletiva, envolvendo professor e alunos, apresenta-se como uma ferramenta potente para essa troca de saberes. Como afirma Cezar Migliorin:

Com a produção de imagens, o aprendizado passava necessariamente por uma relação criativa e crítica por parte dos alunos. Entender a rua, o bairro, o vizinho e a cidade com o cinema é entrar em uma relação com o outro e, simultaneamente, em uma atividade crítica e criativa – do plano, do quadro, da luz, do ritmo. (MIGLIORIN, 2015, p. 10)

Se “pelo menos nos bons filmes, o mundo não está separado de um desejo de mundo” (MIGLIORINI, 2015, p. 35), apostamos, junto com Jean-Louis Comolli (2001), que os filmes “sob o risco do real” estão mais aptos a engendrar o mundo que desejamos. Segundo Comolli, os roteiros, hoje, não se contentam mais em organizar filmes de ficção, jogos de vídeo e telenovelas; eles regulam também nossas relações sociais e intersubjetivas, que passam a ser programadas segundo o modelo “realista” das ficções comerciais. Esses roteiros se pretendem totalizantes e totalitários, pensando em nosso lugar e agindo por nós. Há sempre, no entanto, uma parcela do real que lhes escapa.

Longe de “toda-ficção de tudo”, o cinema documentário tem, portanto, a chance de se ocupar das fissuras do real, daquilo que resiste, daquilo que resta, a escória, o resíduo, o excluído, a parte maldita. Pensemos, por exemplo, “nessas pessoas dos barracos” filmadas por Robert Bozzi, mas também em “Júlia”, filmada por Dominique Gros, ou nas crianças de “Grandes como o Mundo”, de Denis Gheerbrant – mas poderiam ser ainda os heróis de “Moi, un Noir”, Jean Rouch, ou mesmo aquele herói de “Nanook”, Robert Flaherty. Estes personagens são precisamente aqueles que produzem buracos ou borrões nos programas (programas sociais, escolares, médicos ou mesmo coloniais), que escapam da norma majoritária, assim como da contra-norma minoritária cada vez melhor roteirizada pelos poderes: contudo, eles vivem, não lhes faltando nem sofrimento nem alegria, presenciando angústias, dúvidas ou felicidades que não são, ou são pouco, aquelas dos modelos englobantes. (COMOLLI, 2001, p. 2)

Seguindo a proposta de Comolli, pretende-se experimentar a realização de formas audiovisuais em tensão com o real, tais como o filme ensaio ou o documentário não-programático, abertos ao acaso e ao imprevisto, ao fora de cálculo, sem hierarquização da fala do outro.

#### **Objetivos:**

- Experimentar formas audiovisuais sob o risco do real;
- Promover o respeito à diversidade cultural, sexual, religiosa, etc.;

- Incentivar a reflexão acerca de questões prementes do cotidiano dos estudantes, seja em relação à vida universitária, seja em relação à comunidade mais ampla em que vivem;
- Aprofundar o conhecimento dos estudantes em mídias audiovisuais;
- Estimular uma reflexão crítica acerca das formas audiovisuais dominantes, comerciais e excludentes.

#### **Metodologia e Avaliação:**

- Sem um tema previamente estabelecido, ouvir os estudantes envolvidos no projeto e suas propostas;
- Partir de questões que atravessem suas vidas e explorar, em conjunto, formas de abordá-las;
- Realizar estudos conjuntos sobre os temas escolhidos;
- Assistir a filmes que tratem dos referidos temas ou que optem por uma estética semelhante à que se pretende adotar;
- Realizar a produção propriamente dita – elaboração de argumento, definição dos procedimentos de linguagem, gravação e edição;
- Viabilizar formas de veiculação e organizar exposições públicas seguidas de debates.

#### **Avaliação:**

A avaliação do projeto é feita a partir de um relatório preparado pela equipe. Nesse sentido, reproduzo aqui o relatório referente aos seis primeiros meses do projeto (de agosto a dezembro de 2016).

O principal objetivo do projeto era experimentar formas audiovisuais “sob o risco do real”, em uma referência à expressão de Jean-Louis Comolli (2001). Ou seja, escapando dos modelos ficcionais hegemônicos, propunha-se a realização de um ou mais vídeos em tensão com o real, na linha de filmes não-programáticos, abertos ao acaso e ao imprevisto, ao fora de cálculo, sem hierarquização da fala do outro. Depois de algumas leituras e análise de filmes, decidimos começar nossa experiência de criação por um documentário de dispositivo, segundo o conceito proposto por Consuelo Lins e Claudia Mesquita no livro *Filmar o real* (2008). O documentário de dispositivo é aquele que cria um conjunto de regras ou protocolos que produzem a situação a ser filmada. Ou seja, afastando-se da tradição do documentário clássico, que pretende retratar a realidade ou revelar uma verdade do mundo, externa e anterior ao filme, trata-se de criar, artificialmente, uma situação a ser filmada, afirmando o artifício da produção. Nesse sentido, serviram-nos de referência os filmes “Rua de mão dupla”, de Cao Guimarães, “Canções”, de Eduardo Coutinho, e “Salvem o cinema”, do iraniano Mohsen

Makhmalbaf. Como o subtítulo do projeto indica, buscaríamos narrativas de si e do outro. Para aprofundarmos nossas reflexões sobre o tema, montamos um grupo de estudos em torno do livro *Relatar a si mesmo*, de Judith Butler. Convidamos para participar do grupo, além de toda a equipe envolvida em nosso projeto, outras duas professoras do curso de Letras, Luciana Vilhena e Elizabeth Sara Lewis. O convite se deu em função do interesse de pesquisa dessas professoras, que não apenas aceitaram participar como também convidaram seus respectivos orientandos. Desse modo, as discussões do grupo foram substancialmente enriquecidas. Com todo o grupo de estudos, realizamos encontros semanais de duas horas, todas as segundas-feiras. Para a produção audiovisual propriamente dita, a equipe de nosso projeto se reuniu, também semanalmente, em outro dia da semana. Criou-se assim o projeto de documentário provisoriamente intitulado “Relatos de si”. Trata-se de uma reunião de entrevistas com pessoas interessadas em relatar a si mesmas. O dispositivo então escolhido consistiu na restrição das entrevistas a uma única pergunta: “Quem é você?”. Tal pergunta seria colocada inúmeras vezes, até o esgotamento das respostas, que deviam ser diferentes a cada vez. O entrevistado seria avisado do “jogo” apenas no início da entrevista, podendo, obviamente, se negar a participar se não concordasse com o dispositivo. Assim como Coutinho e Makhmalbaf fizeram para seus filmes supracitados, fizemos uma chamada pública para a realização das entrevistas, buscando pessoas interessadas em participar do projeto. Nossos principais meios de divulgação foram o facebook e cartazes impressos, distribuídos principalmente pela UNIRIO e pela UFRJ. Agendamos, então, quinze entrevistas, que foram realizadas no estúdio Radamés Gnattali, no quarto andar do Instituto Vila-Lobos, nos dias 17 e 18 de novembro. Cientes de que o recorte dos espaços de divulgação para esse primeiro turno de entrevistas implicava também certo recorte populacional, ou certo perfil de entrevistados, decidimos ampliar a gravação para outros espaços. Após contato com uma organização não governamental sediada no Complexo da Maré, partimos para um segundo turno de entrevistas naquele bairro. As entrevistas foram agendadas com ajuda da equipe da referida ONG e realizadas nos dias 24 de novembro e 08 de dezembro. Nesse momento, estamos realizando a edição das entrevistas gravadas, mas percebemos que o projeto ganhará densidade se realizarmos um terceiro turno de gravação, ainda em outro espaço geográfico e cultural. Nosso recorte, nessa etapa, será feito preferencialmente dentre moradores de áreas rurais do interior do Estado do Rio de Janeiro, provavelmente no vilarejo de Santo Antonio, comunidade agrícola do Município de Bom Jardim. Ainda estamos em processo de produção dessa etapa. O projeto está atrasado em relação ao cronograma proposto, que previa a finalização do filme para dezembro, mas preferimos adiar a finalização para aprimorarmos o resultado, realizando uma produção mais rica, densa e atenta à diversidade cultural.

### **Relação Ensino, Pesquisa e Extensão:**

Este projeto surge do diálogo com duas disciplinas ministradas por mim no curso de Letras da UNIRIO. Por um lado, trata-se de experimentar propostas estudadas em meu Projeto de Ensino “Práticas audiovisuais no processo de ensino-aprendizagem”, vinculado à disciplina Indústria Cultural e Linguagens Audiovisuais. Por outro lado, trata-se de enfrentar questões políticas, sociais e culturais trazidas por alunos que cursaram no primeiro semestre de 2016 a disciplina Oficina de Produção de Textos II.

Um dos objetivos do referido projeto de ensino consistia na elaboração de metodologias inovadoras do uso do audiovisual em práticas de ensino. Ao nos debruçarmos sobre a bibliografia selecionada a respeito do tema, eu e meus monitores chegamos à conclusão de que, no contexto de ensino-aprendizagem, as práticas mais interessantes consistiam não apenas na exibição de filmes, mas em produção de imagens e sons.

No caso da criação audiovisual coletiva, o professor sai do lugar de quem ensina para experimentar junto com os alunos, engendrando uma dinâmica mais horizontal da produção de conhecimento: “Experimentar, nesse caso, é se deixar afetar e produzir com o que ainda não conhecemos e que porta o risco de trazer microdesestabilizações naquilo que entendemos como ‘nosso mundo’” (MIGLIORINI, 2015, p. 51).

Ora, arrisco dizer que o encontro com os oito alunos de Oficina de Produção de Texto II, no primeiro semestre de 2016, promoveu certas microdesestabilizações em meu mundo, solicitando-me a reinventar minha atuação dentro da universidade. Ao longo da disciplina, os alunos foram solicitados a fazer diversos exercícios de escrita, colocando em prática noções-guia como tempo, ritmo, ponto de vista, etc. Embora não houvesse nenhuma diretriz a respeito dos temas a serem tratados (apenas a respeito das técnicas narrativas utilizadas), os textos trataram frequentemente de questões de amplo debate na sociedade brasileira contemporânea: violência contra a mulher, homofobia, intolerância religiosa, violência do tráfico ou de milícias armadas em comunidades carentes, crise política, problemas do transporte público, etc. Nas aulas destinadas a comentários sobre os exercícios, ficou claro que o impulso para tratar aqueles temas partia não apenas de um desejo de se inserir na discussão de problemas políticos atuais, mas da necessidade de enfrentar inquietações profundas que os alunos viviam em seus próprios cotidianos.

No decorrer do período, fui procurada, em ocasiões diferentes, por três alunos da turma. Os três estavam solicitando Bolsa de Incentivo Acadêmico da UNIRIO e me pediam para ser orientadora deles, inserindo-os em algum projeto acadêmico. Eu já tinha um projeto de pesquisa e poderia integrá-los à equipe, se isso lhes interessasse. No entanto, senti que havia nesses alunos uma urgência de tratar de questões não diretamente contempladas pela minha pesquisa, questões mais relacionadas com suas vidas cotidianas, inclusive as dificuldades (financeiras ou outras) de permanecer na universidade. Nesse sentido, percebi a premência do presente projeto.

As reflexões desenvolvidas em minha pesquisa certamente contribuiriam para a elaboração desse projeto, já que, no âmbito da iniciação científica, tenho estudado com minhas orientandas as relações entre palavra e imagem na arte contemporânea, notadamente suas articulações em produções videográficas.

Depois de seis meses de realização do projeto, a relação com a pesquisa se intensificou. Como o subtítulo do projeto indica, nossas produções audiovisuais buscariam narrativas de si e do outro. Para aprofundarmos nossas reflexões sobre o tema, montamos um grupo de estudos em torno do livro *Relatar a si mesmo*, de Judith Butler. Convidamos para participar do grupo, além de toda a equipe envolvida em nosso projeto, outras duas professoras do curso de Letras, Luciana Vilhena e Elizabeth Sara Lewis. O convite se deu em função do interesse de pesquisa dessas professoras, que não apenas aceitaram participar como também convidaram seus respectivos orientandos. Desse modo, as discussões do grupo foram substancialmente enriquecidas.

#### **Avaliação pelo Público:**

Breve questionário a ser distribuído nos dias de exposições públicas.

Avaliação pela Equipe:

Relatório dos integrantes da equipe.

#### **Plano de atividades do(s) Bolsista(s):**

- Leitura e fichamento de bibliografia selecionada
- Análise de filmes
- Elaboração de argumento e definição dos procedimentos de linguagem
- Gravação de vídeo
- Edição de vídeo
- Distribuição e divulgação de vídeo
- Organização de debates

Para a realização de um vídeo, é necessária uma equipe para preencher as diversas funções requisitadas. Nesse caso, precisamos de um número mínimo de três integrantes: um operador de câmera, um técnico de som e um entrevistador. Uma dessas funções é preenchida pela coordenadora do projeto. As outras duas funções seriam realizadas por bolsistas.

### Referências Bibliográficas:

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ralatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

COMOLLI, Jean-Louis. *Sob o risco do real*. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1513537/mod\\_folder/content/0/Comoli\\_Sob-o-risco-do-Real.pdf?forcedownload=1](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1513537/mod_folder/content/0/Comoli_Sob-o-risco-do-Real.pdf?forcedownload=1). Acesso em: 07 jul. 2016. FRESQUET, Adriana (org.). *Cinema e educação: a lei 13.006*. Disponível em: <http://www.redekino.com.br/pesquisa/cinema-e-educacao-a-lei-13-006-reflexoes-perspectivas-e-propostas/>. Acesso em 07 jul. 2016.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Claudia. *O documentário brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MIGLIORIN, Cezar. *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

RANCIÈRE. *O mestre ignorante*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade do século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.ces.fe.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf>. Trabalho apresentado em Brasília, em abril de 2004, no âmbito do calendário oficial de debates sobre a universidade.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (org.). *O ensaio no cinema: formação de um quarto domínio das imagens na cultura audiovisual contemporânea*. São Paulo: Hucitec, 2015.

### Cronograma de Atividades:

Março – gravação da última rodada de entrevistas do filme *Relatos de si*

- Definir locação e cronograma de filmagem
- Reservar equipamentos
- Gravação de imagens

Abril – finalização do filme *Relatos de si*

- Edição de imagens
- Créditos
- Trilha sonora

Abril – exibição do filme *Relatos de si*



- Viabilizar formas de veiculação
- Organizar exibições coletivas seguidas de debates.

Maio e Junho – pesquisa para um novo filme

- Sem um tema previamente estabelecido, ouvir os estudantes envolvidos no projeto e suas inquietações;
- Escolher, coletivamente, uma das questões apontadas;
- Realizar estudos e leituras sobre o tema escolhido;

Julho e Agosto – definição da abordagem

- Assistir a filmes que tratem dos referidos temas ou que optem por uma estética semelhante à que se pretende adotar;
- Elaborar o argumento e definir os procedimentos de linguagem;

Setembro – produção

- Definir locação e cronograma de filmagem
- Reservar equipamentos
- Gravação de imagens

Outubro e Novembro – edição

- Edição de imagens
- Créditos
- Trilha sonora

Dezembro – exibição

- Viabilizar formas de veiculação
- Organizar exibições coletivas seguidas de debates.